

Sousândrade e a revisão do cânone poético romântico

Danglei de Castro PEREIRA (UEMS)

Resumo:

Apresentamos neste trabalho uma reflexão sobre os limites do cânone poético consagrado no romantismo brasileiro. Nossa intenção é discutir a manipulação dos aspectos míticos na poética de Joaquim de Sousândrade e, com isso, contribuir para ampliação dos limites fixos do cânone romântico. Defendemos a idéia de que a presença de traços míticos na poética romântica brasileira proporciona uma reorganização dos valores utópicos comumente associados ao teor religioso de fundo messiânico dentro da diversidade romântica, fato que conduz a uma visão irônica não só da utopia romântica como da sociedade burguesa apresentada em O Guesa de Sousândrade.

Palavras chave: poesia romântica; O Guesa; Sousândrade; cânone

Abstract:

The work presents a reflection on the limits of the poetic canon consecrated in the Brazilian romanticism. Our intention is to discuss the manipulation of the mythical aspects in the poetic of Joaquim de Sousândrade and, with that, to contribute for enlargement of the limits fastens of the romantic canon. We defended the idea that the presence of mythical lines in the romantic poetic Brazilian provides a reorganization of the Utopian values commonly associates to the religious tenor of messianic bottom inside of the romantic diversity, fact that leads to an ironic vision not only of the romantic Utopia as of the bourgeois end O Guesa de Sousândrade.

Key-Words: romantic poetry; Guesa; Sousândrade; canon

Introdução

Procuraremos demonstrar a contribuição original de Sousândrade (1832-1902) para o cânone romântico brasileiro. Para Williams (1976, p.75), Sousândrade “foi um poeta romântico, modelado e desenvolvido pelo romantismo nacional e internacional”. Essa

classificação não leva a uma ruptura total com o ideário romântico, antes uma nova perspectiva em relação à heterogeneidade do movimento o que confere à poética de Sousândrade um caráter moderno.

Cabe ressaltar que nossa intenção, neste texto, será discutir a presença de traços míticos na poética romântica brasileira, mais especificamente, como Joaquim de Sousa Andrade, Sousândrade, manipula o mito muísca do Guesa em seu poema homônimo. Partindo do pressuposto de que, dado ao seu caráter heterogêneo, o movimento delimita realidades expressivas complexas, compreendemos o romantismo como um ponto de referência na delimitação da tradição literária brasileira.

Sousândrade : um romântico

A obra sousandradina distancia-se da linha canônica predominante em seu tempo. O cânone romântico consagrado no Brasil plasmou no campo linguístico e temático uma atmosfera de valorização do elemento emotivo como fator de individualização de nossa realidade. BANDEIRA (1963) comenta que

Pondo-se de parte as pequenas diferenciações individuais, pode-se distribuir a evolução romântica em três momentos capitais: o inicial, em que à inspiração religiosa, base da poesia de Magalhães e Porto Alegre, reflexo da de Lamartine, acrescentou Gonçalves Dias a que buscava assunto na vida dos selvagens americanos; o segundo, representado pela escola paulista de Álvares de Azevedo e seus companheiros, onde predominou o sentimento pessimista, o tom desesperado ou cínico de Byron ou Musset; e finalmente o terceiro, o da chamada escola condoreira, de inspiração social, a exemplo de Hugo e Quinet. (BANDEIRA, 1963, p. 66)

Como podemos perceber cada momento representou um posicionamento subjetivo em relação à realidade. O nacionalismo religioso, o pessimismo egocêntrico, o lirismo amoroso e os problemas sociais forneceram o cabedal temático ao nosso romantismo que, permeado pelas interferências externas, formaria a diversidade de nossa arte romântica.

Em Sousândrade, o ímpeto emotivo é questionado quando, por exemplo, o poeta apresenta o elemento natural contaminado pela figura do colonizador e não como projeção equilibrada deste paradigma. Outra forma de percebermos a singularidade do discurso sousandradino pode ser verificada na mobilização do messianismo presente no ciclo mítico da figura do Guesa quando aproximado a outros personagens de caráter messiânico ao longo do poema, caso do mito cristão Jesus de Nazaré e do mito grego Prometeu.

Um dos paradigmas canônicos associados ao romantismo é a expressão de um olhar catártico diante do real. A utilização de padrões míticos de caráter messiânico, nesse sentido, é uma constante na diversidade romântica. Já mencionamos que o Guesa é aproximado à figura de Jesus e Prometeu, mas podemos pensar também na alusão a divindades que personificam a riqueza, a cobiça e a ostentação de poder como, por exemplo, Ata Troll e Mamão. Sousândrade agrega a essas figuras o mito muísca do Guesa com o que compõem algumas das referências mitológicas encontradas no poema homônimo.

O mito do Guesa é a história de uma criança sequestrada recém-nascida de uma tribo rival e destinada a ser imolada ao final de quinze anos como forma de cumprir o destino do Guesa. Arrancado da casa paterna o Guesa é condenado a vagar pelos caminhos percorridos por Bochica, Deus Sol em sua forma humana, para ao final de quinze anos ser sacrificado em ritual.

Durante sua peregrinação, o jovem Guesa, é educado dentro dos preceitos da cultura indígena pelos Xeques (sacerdotes). Findo o período de quinze anos, o Guesa é levado para a extremidade do Suna, onde os Xeques, mascarados à maneira egípcia, representando o sol, a lua, os símbolos do bem e do mal, os grandes répteis, as águas e as montanhas amarram-no à coluna que mede as sombras equinociais e sacrificam-no em oferenda a Bochica. Seu sangue, recolhido em jarros sagrados e seu coração arrancado, são oferecidos a Bochica, como forma de pedir um período de paz e prosperidade para a tribo. Após esse sacrifício, uma nova criança é imolada. O mito assume, assim, a função de perpetuar a plenitude da cultura muísca, daí o caráter cíclico e messiânico, pois uma vez

imolado e cumprido o ritual de sacrifício, um novo Guesa é iniciado, recomeçando o percurso mítico.

Uma das questões mais interessantes no mito do Guesa é a tomada de consciência do personagem mítico. No nono ano de peregrinação o jovem Guesa inicia sua jornada rumo ao sacrifício por meio de uma série de pequenos rituais. No primeiro deles é informado seu fadário de Guesa e contextualizado sua situação de errante, sendo-lhe revelado sua filiação não tribal e o percurso até o sacrifício. O Guesa conhece seu destino e deve aceitá-lo como forma de ratificar sua condição de Guesa.¹

O sacrifício representa, assim, uma possibilidade de purificação, uma nova perspectiva para os indígenas: um recomeço². Ao escolher o mito Muísca e usá-lo como elemento estrutural do poema, Sousândrade estabelece uma identificação do fadário mítico do Guesa com a figura contraditória de um eu-poético inquieto e em busca de equilíbrio no mundo empírico. XAVIER (1963, p.01) observa que “Sousândrade identifica o destino do Guesa errante a sua própria biografia”. Tal identificação fica latente se percorrermos o caminho crítico trilhado por Sousândrade, uma vez que a trajetória descrita no poema foca a tentativa de fuga do personagem face ao destino de Guesa.

Por conta do fadário messiânico podemos aproximar a trajetória do Guesa às figuras mitológicas evocadas no poema, sobretudo Prometeu e Jesus. Nessa linha de raciocínio, a aproximação do mito de Jesus e Prometeu ao Guesa remete a uma iconização do sofrimento humano. Essa linha temática, comum entre as figuras mitológicas, condiciona a esperança no recomeço, uma das principais constantes românticas, à possibilidade de uma “vida melhor para o homem” não pela purificação do elemento humano no sacrifício, mas pela presença da consciência humana face a sua imperfeição.

O Guesa sousandradino conhece a precariedade do caráter humano e, por isso, não aceita sua condenação passivamente, antes denuncia a necessidade de reorganização dos

¹ Adotamos os apontamentos de HUMBOLDT (1974) que figuram como epígrafe da edição definitiva de *O Guesa*.

² Tomamos como fonte as obras: SCHADEN, E. *A mitologia heróica de tribos indígenas do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, 1959 e SASS, V. R. *A verdade sobre os Incas*. 6. ed. São Paulo: Ordem do Graal na Terra, 1992

padrões sociais para fim de revigorar moralmente a sociedade, corrompida pela cobiça e pela degeneração dos padrões morais. É desta consciência que surgem as evocações, sobretudo no Canto X, de figuras como Ata Trol e Mamão, este, o deus da cobiça e da luxúria, aquele a materialização da imperfeição humana e da intolerância diante do heterogêneo. As duas personagens contribuem para a flexibilização da bondade humana, configurando-se como contra argumentos diante da visão positiva apresentada diante da figura humana no mito cristão de Jesus, ou mesmo, redefinindo a rebelde e reformista de Prometeu.

Podemos dizer, então que o caráter messiânico em *O Guesa* apresenta-se como algo paradoxal, uma vez que para se concretizar necessita de uma purgação individual. O eu-poético, identificado à figura do Guesa, a exemplo das figuras mitológicas comentadas há pouco, é submetido ao martírio trazido pela situação individual do homem inserido em um mundo corrompido pela cobiça

Em *commum* . . . não *commum*, que hi forma Davis
E a *freeloves* das liberdades- vícios
(*Corrupted free men are the worst of slaves*)
E a consciencia depois, com que Artíficios
Encaram-se. E quem dona da grande alma,
Eil-a serva dos brincos e a *toilette*
Que emprestem-lhe o valor ... De quem a palma?
É da Maria ou é da Marionnette?...”)
(SOUSÂNDRADE, 1979, p. 196)

(...)
Eia, pois! á revolução da escrava !
Á *communhão* de angelica harmonia !
Não é o homem que a mulher deprava :
Oh ! Levante-se a bella academia !
Contrário adejam lucidos diluculos
No vácuo mysterioso que os separa,
Azas da corrupção. A dois crepusculos.
(SOUSÂNDRADE, 1979, p. 197)

A inquietação expressa pelo verso: “*corrupted free men are the worst of slaves*” demonstra a visão pessimista do eu-poético diante do presente. As “*azas da corrupção*”, índice da adesão humana ao mundo da usura, manifestada na servidão à cobiça e à usura do

capitalismo. O trocadilho “Maria / marionete” pode exemplificar o veio crítico/irônico presente no poeitar sousandradino. Nele o uso de símbolos da vida burguesa em “*toilette*” e “*marionnette*” prolonga o efeito de desmitificação presente na conversão de “Maria” e potencializa o sentido de “marionete”, fato que pode ser entendido como denúncia da degradação humana pelo contato com uma natureza alheia à essência positiva evocadas pela figura religiosa de Maria. A busca messiânica por purificação, nesse sentido, esbarra na corrupção humana, dificultando o caminho para sua salvação: é preciso reformar as ações, purificar o indivíduo.

A ironia sousandradina passa, portanto, pela compreensão da sátira diante de uma pureza primitiva inata à figura humana como proposto, por exemplo, na figura do bom selvagem rousseuriano. O Guesa como mito messiânico é humanizado no poema pela fusão entre sua trajetória mítica ao fadário individual do homem burguês absorto pela cobiça. Prometeu e Jesus mantém o caráter puro e positivo em sua trajetória ao passo que o Guesa é absorvido pela negatividade da sociedade burguesa ao final do século XIX. É deste contato com o impuro que vem às alusões a Ata Trol e Mamão. Logo, ao ser evocado como personagem mítico e fugir de seu fadário, para ser morto no Canto X, o Guesa simboliza a latente necessidade de reformulação dos padrões sociais.

Sousândrade expõe, por isso, a fragilidade da utopia messiânica em nosso romantismo ao aproximar ironicamente a figura do Guesa a Prometeu e Jesus, fato confirmado pela evocação de Ata Troll e Mamão. Metaforicamente poderíamos pensar na exposição do fracasso do mito messiânico como única forma de salvar a natureza humana pela eleição de sua bondade, posto que esta não é perpetuada no messianismo de Sousândrade.

Nos comentários aqui apresentados percebemos um posicionamento distinto em relação ao “ufanismo” romântico. Sousândrade busca o desnudamento da artificialidade desse movimento. Esse desnudamento é observado quando o poeta introduz, em um tom satírico, no Canto II do *Guesa*, poetas como Victor Hugo, Byron, Lamartine, Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães, entre outros.

(*Beatos pasmadores*)

— Branca estatua de Byron
Faz cegueira de luz ?
== Breu e brocha á criada !
E borrada :
Ô, ô, ô, Ferraguz ! (*Risadas*)

(*Pasmadores ímpios*)

— Lamartine é sagrado?
== Se não tem maracás,
Ô, ô, ô, ! – vibram arcos
Macacos,
Tatús-Tupinambás.

(SOUSÂNDRADE, 1979, p. 36)

A crítica aos autores representativos do romantismo é encontrada na incorporação do elemento “maracás” – instrumento musical utilizado em rituais indígenas – associado à interrogação e à “cegueira de luz”. A ridicularização de Byron e Lamartine perceptível pela sonoridade em eco do fonema /o/, pelas risadas aproximadas ao termo “macacos” e pela alusão aos “Beatos pasmadores e ímpios” inverte o fluxo de influência, conduzindo à ironia face à tradição.

Esta inversão de paradigmas, metaforizada no elemento “Tatú-Tupinambá” e na agitação sonora provoca o tom irônico presente no cerne da ironia em Sousândrade.

Nas mãos tinha-a, mirava-a, possuía (...).
Quão taciturno agora! Qual se os beijos
Esse altar profanassem dos desejos
— Uma aza negra esvoa na alegria. ..

(SOUSÂNDRADE, 1979, p. 81)

O ato de possuir a amada, expresso no excerto acima, reforça a linha interpretativa aqui comentada. Ao descaracterizar a pureza da musa romântica, vista quase sempre como algo inatingível o poema humaniza a figura, uma vez que esta é degradada pelo contato com o Guesa, agora gerador de degradação. A tristeza, após a consumação da posse, indica a consciência da degradação. O sentido de preservação da pureza humana presente, por

exemplo, na alusão a Jesus e Prometu perde força na medida em que o personagem mítico do Guesa é aos poucos humanizado e assume sua face humana e imperfeita.

A “aza negra que esvoa na alegria” e a constatação da dessacralização da figura feminina, vista a partir de uma ótica realista é um exemplo deste processo, como o é a visão irônica associada ao percurso mítico do Guesa. “*Virjanûra*”, musa inspiradora do poema, sintetiza, assim, a sátira à fragilidade catártica presente no centro do conceito de messianismo, pois denota a natureza imperfeita da figura humana no poema, fato que reconduz o mito do Guesa ao paradigma humano e a sua imperfeição.

Conclusão

Como o intuito primário deste texto é comentar a manipulação de elementos míticos presentes na tradição poética do romantismo brasileiro e, mais especificamente, a contribuição de Sousândrade nessa linha temática; acreditamos que, embora sua obra tenha sido composta cronologicamente no século XIX, o olhar do poeta revela uma crítica aos excessos sentimentais de muitas produções românticas.

Esta postura, em nosso ponto de vista, garante a revitalização dos paradigmas canônicos da tradição romântica com vistas à percepção do aspecto irônico que a subjaz. Cabe ressaltar, que o caráter messiânico do mito Muísca é alcançado pela alusão à necessidade de reformulação social, nesse caso, resolvida menos pelo sacrifício ritualístico do Guesa, do que pela exposição de sua compleição humana.

Referências

- BANDEIRA, M. Românticos. In: _____. *Apresentação da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Tecnoprint S.A, 1963. p. 65- 95.
- CAMPOS, A.; CAMPOS, H. de. *ReVisão de Sousândrade*. 2.ed. São Paulo: Invenção, 1979.
- SASS, V. R. A verdade sobre os Incas. 6. ed. São Paulo: Ordem do Graal na Terra, 1992
- SCHADEN, E. *A mitologia heróica de tribos indígenas do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, 1959
- SOUSÂNDRADE, J. *O Guesa*. Organização Jomar de Moraes. São Luiz/MA: SIOGE, 1979.
- VIZZIOLI, P. O Sentimento e a Razão nas poéticas do Romantismo. In: GUINSBURG, J. (Org.) *O Romantismo*. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1993. p.137-157.
- WILLIAMS, F. G. *Sousândrade: vida e obra*. São Luís/MA: SIOGE, 1976.
- XAVIER, L. Revista das revistas: montagem Sousândrade. O campo visual de uma experiência antecipadora (estudos Literários: in.: *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário. 18 de maio de 1963.